

# Identidade e racismo na fronteira oeste: algumas perspectivas de jovens negras moradoras da cidade de Santana do Livramento – RS

Flavia Giribone Acosta Duarte <sup>1</sup>

Marcus Vinicius Spolle <sup>2</sup>

## Resumo

A identidade e o racismo são temas recorrentes hoje em nossa sociedade. Na fronteira oeste do Rio Grande do Sul, o tema da identidade acaba sendo tratado com relação ao país vizinho (Uruguai), ou seja, a identidade nacional ou binacional. O artigo, elaborado a partir de uma pesquisa de campo como parte da dissertação de mestrado, busca mostrar algumas perspectivas das jovens negras e como elas constroem suas identidades. A interseccionalidade entre ser mulher, negra, moradora de bairros afastados e de uma classe menos favorecida também foi levado em consideração. Estas perspectivas acabaram por levantar outros elementos que também fazem parte da construção das identidades das jovens negras da região da fronteira, como a religião, a relação familiar, principalmente com as mães, questões sobre cabelo e autoestima. O racismo vivido por elas acabou por ser visto como uma das razões de luta por igualdade de tratamento e de oportunidades no município de Santana do Livramento.

Palavras-chave: Racismo. Identidade negra. Fronteira

## Identity and racism in the west border: some perspectives of black young girls from Santana do Livramento city – RS

## Abstract

Identity and racism are recurrent topics in our society today. In the west border of Rio Grande do Sul, identity is only treated related to the neighbour country (Uruguay), that is, national and binational identity. This article, made from the field research, that was part of the Master dissertation, aims to show some perspectives of the black young girls and how they build their identities. The interseccionality between being woman, living in the suburbs, from a less favored social class were also taken into account. These perspectives brought up other elements that are also part in the construction of the identities of the black young girls in the border region, as religion, family relationship, mainly with their mothers, issues connected with the hair and self-esteem. The racism suffered by them was seen as one of the reasons to fight for equality of treatment and opportunities in the city of Santana do Livramento.

Keywords: Racism. Black identity. Border.

---

<sup>1</sup> Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

<sup>2</sup> Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atualmente é Professor Adjunto da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

## Introdução

Em nossa sociedade, hoje, tratamos de temas como identidade e racismo com uma certa frequência. Na fronteira oeste do Rio Grande do Sul isso acaba acontecendo, mas de forma diferenciada, focando somente a identidade relacionada ao país vizinho, ou seja, a identidade nacional ou binacional. Sendo assim, a identidade negra não aparece nas discussões e, por consequência, temas como o racismo também deixam de ser abordados.

Este artigo traz algumas das perspectivas das jovens negras moradoras de Santana do Livramento, um município do interior gaúcho que faz fronteira seca com o país vizinho, o Uruguai. O trabalho é resultado da pesquisa de campo no município supracitado como parte da dissertação de mestrado e objetivou compreender as construções das identidades das jovens negras nesta cidade, o que influenciava essas construções e como as adolescentes negras lidavam com o racismo na fronteira. Elas discutiram sobre a maneira pela qual lidam com o racismo e como articulam suas identidades em várias áreas de suas vidas num espaço social muito específico.

As jovens negras relatam casos de racismo e situações que aconteceram e que foram vistas por elas na escola, na rua e, em muitos casos, dentro de suas próprias famílias, sendo muitas delas de famílias multirraciais e binacionais. As vivências de atos de racismo acabaram por ajudar numa construção de identidades enquanto mulheres negras com um forte posicionamento no sentido de mudar vários hábitos e práticas enraizados em seu meio. Segundo elas, essas experiências, ao invés de lhes fazer desistir e desestimular, agiram de maneira a fazer com que sentissem uma necessidade de tomada de decisão em prol de uma igualdade de tratamento e de oportunidades. Vários relatos foram feitos e com eles vieram à tona elementos que influenciaram e seguem influenciando as jovens entrevistadas.

A construção das identidades a partir da interseccionalidade das categorias raça, gênero e classe das jovens do terceiro ano de duas escolas públicas do município, trouxe outros elementos para o debate que se mostraram relevantes e fortemente presentes nas construções de suas identidades, como a reação a situações de

racismo, as influências da família, da religião, da autoestima, cabelo e beleza, bem como do ambiente escolar e da região da fronteira.

### 1. Raça, o processo de construção de identidades e suas intersecções

Como este trabalho teve o intuito de analisar as intersecções e processos de identificações, especificamente relacionado à identidade negra, alguns termos serão recorrentes ao longo do texto. Um deles é o termo “raça”, seguindo o conceito proposto por Antônio Guimarães (2009). Para este autor, raça é um conceito utilizado como uma forma de classificação social, não correspondendo a nenhuma realidade natural, ou seja, faz parte de um mundo social. Guimarães (2009) defende o uso do termo “raça”, usado pelas Ciências Sociais, como “um conceito propriamente sociológico que prescindia de qualquer fundamentação natural, objetiva ou biológica” (GUIMARÃES, 2009, p. 22).

Atualmente, segundo Guimarães, “qualquer forma de explicação e de justificativa para diferenças, preferências, privilégios e desigualdades entre seres humanos, baseada na ideia de raça, pode, a princípio, ser considerada racista” (GUIMARÃES, 2009, p. 215). Ele deixa claro que, no momento que se atribui qualquer diferença relacionando-a com a “raça”, está se atribuindo uma diferença social a partir de diferenças biológicas mesmo não havendo base científica que sustente estas explicações. Então, no momento que legitimam qualquer diferença cultural ou social levando em conta a biologia pode-se estar ocorrendo um ato racista.

Mostram-se importantes as ideias de Guimarães, no momento em que o estudo foi feito em bairros de um município do interior do estado do Rio grande do Sul, onde comportamentos e práticas são vistos naquela região sem poder ser comparados com nada que tenha acontecido em outra periferia de qualquer outro município. Os relatos são feitos e compreendidos a partir da história daquele local específico sob a perspectiva das jovens moradoras do local com relação ao racismo em suas histórias de vida e como elas percebem a hierarquia de determinados grupos sobre outros e como percebem ou não os mecanismos de manutenção de desigualdades e

reprodução de uma estrutura dominante.

Conhecer a maneira com que a identidade é construída nos contextos sociais em que o negro é discriminado negativamente ajuda a compreender a problemática do negro no Brasil. A consolidação da identidade negra, segundo Ricardo Ferreira, poderá trazer uma nova visão de mundo e uma autoestima necessária para sua posição como cidadão (FERREIRA, 2000). O posicionamento do cidadão enquanto negro é de importância imprescindível em sua posição enquanto ser social atuante na sociedade e na construção de suas identidades. Segundo Guimarães (2011), a raça como classificador social tornou-se uma estratégia política usada por alguns movimentos sociais de modo a afirmar a integridade corpórea e espiritual contra formas de desigualdade de tratamento e de oportunidade.

Como a construção das identidades e suas articulações com outras categorias num espaço social são o foco de estudo desta pesquisa, faz-se necessário, para se abrir uma discussão sobre os processos de identificações e as construções das identidades das jovens negras, um estudo das ideias de alguns autores. O autor que foi utilizado como base deste trabalho com relação às identidades e processos identitários é Stuart Hall por concordar com sua forma de ver as transformações das identidades e por se identificar com sua perspectiva ao se tratar de identidades e sua construção cultural.

De acordo com ele, os indivíduos são fragmentados, no sentido de que o indivíduo unificado abriu espaço para um indivíduo que tem várias partes que se relacionam entre si, e que se sobressaem ou se recolhem, dependendo da situação e do momento de vida do sujeito. Isto faz com que as velhas identidades, aquelas que fixavam o indivíduo dentro de uma só identidade, entrem em declínio. Para Stuart Hall (2006), isto seria uma crise que faz surgir novas identidades, “deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social” (HALL, 2006, p. 07).

Hall traz um conjunto de sentimentos e histórias, alinhados aos espaços objetivos que ocupam no mundo social e cultural, e estes

carregam significados que se entrelaçam, ou melhor, interseccionam-se com categorias. Avtar Brah ressalta que o indivíduo intersecciona todo o tempo categorias como classe, raça, gênero e sexualidade, “não podendo ser tratadas como ‘variáveis independentes’ porque a opressão de cada uma está inscrita dentro da outra – é constituída pela outra e é constitutiva dela” (BRAH, 2006, p. 351). No presente trabalho, mostra-se interessante salientar a categoria de classe aliada a de raça. Isso se deve ao fato de, mesmo as entrevistadas sendo estudantes de escolas públicas, as alunas da escola do centro da cidade não trabalhavam. Já as estudantes do bairro afastado tinham trabalhos de meio turno para ajudar nas despesas da casa. Isso pode trazer uma perspectiva futura de maior ou menor probabilidade de mobilidade social.

As estruturas interagem entre si e o não olhar um aspecto pode interferir na compreensão total do fenômeno. Por isso a necessidade da visão da interseccionalidade e de entender que as categorias se influenciam, interagem e são constituições umas das outras. O olhar não pode estar focado na questão da mulher, por exemplo, sem levar em consideração todas as outras categorias que a envolvem. A construção das identidades das jovens negras, ou melhor, todo o processo de identificação passa a ser provisório, variável e problemático, percebendo que as jovens do último ano do ensino médio estão em um momento de mudanças e transformações, onde pode-se encontrar um turbilhão de questionamentos, indagações internas com elas mesmas e que a pesquisadora também deve estar se questionando e questionando como as categorias dialogam entre si.

Partindo desse princípio, as práticas que acontecem no cotidiano podem ou não influenciar a construção das identidades de jovens negras no momento em que já estiveram em alguma situação de racismo, e como essa situação surte efeito em suas atitudes posteriores, marcadas pela discriminação ou práticas preconceituosas. Os depoimentos de algumas jovens negras mostram que elas estão percebendo a necessidade de se lutar contra o racismo na fronteira. Segundo Sérgio Costa (2006), a população brasileira reconhece a existência do racismo, mas faltaria o passo de combatê-lo. Essas jovens parecem estar

buscando este combate. Esse mesmo autor coloca que enquanto umas pessoas são prejudicadas nas suas chances sociais pelo racismo, outras se beneficiam, havendo, sob um aspecto material, ganhadores e perdedores. Mas, no plano moral, “todos saem perdendo em uma ordem social injusta e iníqua, o que faz do anti-racismo tarefa política de toda sociedade” (COSTA, 2006, p. 218).

## 2. A construção da identidade negra e o racismo em Santana do Livramento

Este texto apresenta dados obtidos através de entrevistas com jovens negras de Santana no Livramento. Este trabalho se dá em um contexto de fronteira seca entre os países do Brasil e Uruguai. Este também se dá em um contexto de fronteiras entre espaços sociais dentro do próprio município, já que uma escola onde foram feitas as entrevistas se localiza no centro e a outra a 6 km do mesmo. As escolas são públicas estaduais e as jovens, que foram convidadas a participar eram do terceiro ano do ensino médio, totalizando um número de onze entrevistadas. Estas alunas tinham entre 16 e 22 anos, nascidas em Santana do Livramento e sendo 5 das onze entrevistadas de famílias binacionais e sendo 6 das onze entrevistadas de famílias multirraciais. São todas de famílias de classe social menos favorecida e seus pais tem baixo nível de escolaridade, na maioria dos casos somente o ensino fundamental incompleto, trabalhando em áreas não especializadas. A maioria das mães das jovens são empregadas domésticas e os pais trabalham em serviços ligados a área rural.

Esses dados são importantes para um melhor entendimento das questões abordadas, como o racismo e a construção das identidades das jovens negras nesse município supracitado.

### 2.1. Racismo em Santana do Livramento sob a perspectiva das jovens

Uma das questões fundamentais tratada durante as entrevistas com as jovens foi com

relação ao racismo e com relação às histórias e experiências vividas por elas. Todas as entrevistadas acreditam que o mesmo exista em Santana do Livramento e dez delas já sofreram racismo ou alguém de sua família sofreu.

Percebe-se na fala da entrevistada Janaina uma certa segurança em lidar com situações de racismo e uma percepção de como essas situações ajudaram a construir a sua identidade de mulher negra. As entrevistadas mostraram em seus relatos o quanto certas questões relacionadas ao racismo, situações constrangedoras, tristes e de sofrimento em determinado momento fizeram com que se afirmassem, buscando um posicionamento crítico nas relações do cotidiano.

O meu irmão. O ano passado. Tinha uma guria do bailado. Meu irmão é do bailado da escola que a gente é. Ai a menina pegou e falou que não queria dançar com ele porque ele era negro. Mas daí a mãe dela. Não sei. Não sei da onde que veio. A mãe dela disse que não era para ela falar assim. Mas eu acho que a mãe não tinha atitude porque a guria era meio revoltada. Bem guriuzinha. É bem nova. Eu acho que a guria tinha oito anos ou sete. Não nove anos a guria tinha. A mãe dela falou com ela e eu falei com a coordenadora do bailado. (Entrevistada Janaina<sup>3</sup>)

Com relação ao comportamento da criança que não quis dançar com o menino porque era negro, importante salientar, que “os primeiros julgamentos raciais apresentados pelas crianças são frutos do seu contato com o mundo adulto” (MUNANGA e GOMES, 2006, p. 182).

Isso traz à tona o sistema social racista que produz essas desigualdades raciais dentro da sociedade e isso pode ser percebido quando a própria entrevistada questiona o comportamento da mãe da menina, dizendo que não sabe da onde veio aquela atitude. Esse fato é muito complexo e vários aspectos podem ser levantados. Dentre eles o fato de percebermos na criança um determinado comportamento que pode estar sendo repetido ou imitado de adultos que a criança convive. A criança se comporta de determinada maneira, talvez, por conviver com alguns adultos que

3 Os nomes das adolescentes negras entrevistadas, utilizados no artigo, são nomes fictícios.

agiriam da mesma forma. A mãe, ao se encontrar numa situação onde teria que se posicionar, simplesmente disse pra filha dançar com ele. Isso mostrou uma inquietude na fala da entrevistada, pois a mesma conseguiu perceber os arranjos que existem e quando as pessoas fazem o que seria “politicamente correto”, pois, na verdade, a menina só não quis dançar com o menino negro porque está em contato, provavelmente, com um mundo adulto racista. Outro caso de racismo foi relatado, mas esse com a própria entrevistada.

Eu tinha uns... Minha mãe explicou que isso não se fazia e que era comum de acontecer, mas ela não achou que aconteceria tão cedo comigo. Mas ao mesmo tempo minha mãe tem problemas renais então eu não via muito ela. Então foi um impacto pra mim aquela coisa. Depois ela falou que era normal daí fui entendendo as coisas. Olha quando sete anos por ai eu estava passando nos bombeiros, ai um guri dos bombeiros me chamou de macaca. Eu estava vindo, quieta, na minha e o guri me chamou de macaca e eu fiquei quieta. E fui embora. Daí cheguei em casa e comecei a chorar e minha mãe perguntou e eu disse: o guri me chamou de macaca. Ela ficou meio assim. Ai, no final, deixei quieto. Sempre fiquei com vergonha e coisa. Recém agora que eu comecei a me assumir com o cabelo solto porque eu não usava muito. Eu usava preso. Tinha aquele, porém do cabelo (Entrevista Fabiana).

Esse fato se deu quando ela tinha sete anos e vários garotos a chamaram de macaca. Ela diz que sentiu tanta vergonha que só agora começou a se assumir com o cabelo solto e se sentir bonita. Essa entrevistada mostra o quanto um fato isolado de racismo explícito contra ela, fez com que ela passasse por um processo de autoconhecimento e autoaceitação que durou muitos anos. Aos 20 anos de idade relata que esse fato de racismo foi importante na sua construção enquanto mulher negra e que hoje se sente feliz como é, mas que ainda se sente insegura com relação a outros espaços sociais. Ela fala de certo receio em ingressar na universidade sendo mulher, negra e com o tipo de cabelo que tem e o penteado que usa. Esse relato vem ao encontro do que foi descrito por Costa (2006) no momento em que tanto as pesquisas acadêmicas, quanto de opinião pública no Brasil mostram que a população tem

consciência que negros e brancos não dispõem das mesmas oportunidades.

Esse fato é ressaltado durante a entrevista da aluna Laura, relatando fatos ocorridos com ela na escola, mostrando a diferença de tratamento entre ela e alunos brancos: “Eu vejo até assim na escola às vezes entendeu. Para o aluno branco, no caso. Ou às vezes tem mais atenção. O professor. Mas não são todos é claro. Tens uns e um em específico assim”.

As desigualdades estão em todos os âmbitos da vida social, mas nesse trabalho aparece fortemente na escola. Uma entrevistada, ao responder a questão sobre racismo e experiências vividas, cita um fato que aconteceu com ela na escola. Este fato mostra a não condição de igualdade de oportunidades ao se competir com pessoas de pele mais claras, relatando uma atividade escolar em que as “mais claras” decidiram pela não participação dela nesta determinada atividade. Elas decidem que não e argumentam que é por causa da sua cor de feijão preto, segundo a entrevistada. Depois deste fato, sua mãe foi na escola e um pedido de desculpas foi feito. Isso foi o relato dela com relação ao racismo no espaço escolar.

Nessa situação que pode parecer, a primeira vista banal, se faz presente, já, desde cedo, a reprodução de um esquema de negociações entre “brancas” sobre a participação ou não de uma “negra”, mostrando, mesmo no espaço escolar e em uma atividade corriqueira, a força e o poder dos que decidem e a apatia dos que acatam. Mas nesse caso não houve apatia, pois tanto mãe quanto filha estão engajadas na causa da luta pela igualdade, tentando fazer de qualquer ato, um ato a ser discutido e resolvido dentro da escola, para que possam levar essa postura para todos os âmbitos da vida, sem apagar a importância da interseccionalidade entre aspectos como o fato de ela ser mulher, negra e de classe social menos favorecida e que muitas vezes fatos como este, acontecido na escola, eram simplesmente vistos como naturais sem necessidade de uma reflexão ou análise.

Tornou-se fácil buscar fatos vividos com relação ao racismo no município, tanto vividos pelas entrevistadas quanto por alguém da família ou amigos. A maioria dos relatos dizia respeito a cor da pele e ao cabelo. Nilma Lino Gomes se torna

imprescindível nessa discussão, indo ao encontro do que foi dito pelas jovens com relação a seu cabelo. Os relatos mostram um “conflito coletivo do qual todos nós participamos” (GOMES, 2012, p.3). E, segundo a autora, o cabelo do negro na sociedade brasileira está carregado de importância, pois expressa esse conflito racial que se vê no país entre negros e brancos. Uma das entrevistadas coloca com relação ao racismo:

(...) ah, existe racismo, não só no caso da cor né sempre tem alguém faz outros tipos de racismo com as pessoas, é que sempre querem ser mais do que os outros, e aqui tem muito isso, as pessoas acham que podem falar assim e ai elas até sem querer elas cometem o racismo sabe não entende que não é só tu chamar o outro de negro que tu estás cometendo racismo e ai sem querer as vezes elas fazem (Entrevistada Débora).

Essas formas de racismo apontadas pela entrevistada Debora apareceram frequentemente nas falas das outras jovens e relataram fatos ocorridos na escola, em casa, dentro da própria família, em questão de emprego, etc. Muitas também relataram a dificuldade em perceber que estavam sofrendo um ato de racismo ou o que realmente significava aquelas palavras que estavam sendo ditas.

O significado que é dado é muito particular e varia de um indivíduo para outro. Segundo Brah (2006), existem campos de significação e invocamos atribuições como processos através dos quais o sujeito adquire significado em relações socioeconômicas e culturais e atribui significado às relações cotidianas dando um sentido a elas. Um mesmo evento, assim, terá significados diferentes para indivíduos diferentes. Um fato relatado dizia respeito à uma relação feita entre a entrevistada e o cachorro preto da família, sendo que foi feita pela mãe de seu padrasto. A comparação feita entre ela e o cachorro não foi percebida no momento, mas ela diz que depois, ao refletir, que foi se dar conta do que havia ocorrido. Ela diz que na hora não fez muita diferença, mas depois que ela entendeu, diz que percebeu o que a senhora queria dizer e comenta que ficou muito tempo pensando no evento, mostrando ainda certa mágoa com relação ao acontecido.

A falta de atenção ou pouca atenção dada a uma aluna em detrimento de outra, relatado pela entrevistada Laura, vai ao encontro do fato mencionado pela entrevistada Fabiana em relação ao ingresso em outros espaços, como o espaço universitário. Esse fato de dar menos atenção aos alunos pode fazer com que se sintam mais ou menos preparados a entrar na universidade, por exemplo. Com isso, aumenta o receio em tentar o Enem e depois receio em frequentar uma universidade, pois, como relata uma das entrevistadas, houve um fato de racismo que aconteceu em Santana do Livramento com um aluno negro na Universidade e, segundo ela, este fato ocorreu simplesmente porque ele ingressou na Universidade.

Existir, existe, mas não é muito visto. Teve um dia, estava ouvindo na radio outro dia que um guri sofreu na Unipampa acho que foi racismo pela cor da pele. Não entendi muito bem. Ai fizeram uma passeata. Porque ele sofreu racismo quando ele entrou na faculdade. Um pouco eu tenho medo disso. De eu entrar e sofrer um pouco o racismo. Aquela coisa (Entrevista Fabiana).

Munanga e Gomes (2006) colocam que o racismo é uma questão estudada por muitos pesquisadores que colocam que o racismo é um comportamento presente na história da humanidade e que pode aparecer de duas formas: individual e institucional. A individual seria aquela em que um indivíduo comete atos discriminatórios contra outro indivíduo. Já o racismo institucional “implica práticas discriminatórias sistemáticas fomentadas pelo Estado ou com o seu apoio indireto” (MUNANGA e GOMES, 2006, p. 180). Esta prática pode ser percebida quando há um isolamento de grupos de negros em determinados bairros, escolas ou empregos.

Com relação à questão do racismo nesta fronteira específica, as respostas das jovens não se mostraram fortemente significativas em se tratando de questões entre brasileiros e uruguaios. Albuquerque (2007) menciona Hall em seu trabalho sobre a fronteira Brasil-Paraguai. Naquele contexto específico ele ressalta

a importância de perceber-se as identidades de forma relacional, situacional e instável, já que as mesmas nunca podem ser vistas como dadas ou consolidadas e são acionadas dependendo das necessidades, interesses ou circunstâncias. Albuquerque trata de questões de conflitos territoriais e questões de identidade brasileira ou paraguaia. Já na pesquisa tratada aqui, alguns pontos de conflito foram levantados pelas pesquisadas, mas estes pontos não pareciam estar fortemente ligado com a identidade nacional ou binacional. Sendo assim, não se pôde perceber uma ligação entre racismo e fronteira. Oito das onze jovens entrevistadas disseram ter amigos uruguaios e cinco delas são de famílias binacionais.

Quando levantado o tema do racismo na fronteira e sua percepção com relação a esta questão vinculada aos brasileiros e uruguaios as jovens tiveram dificuldade em responder. Quatro delas disseram não haver racismo por parte dos uruguaios. “Acho que não, pelo menos nunca tive contato com isso (racismo). Não, contato com discriminação, assim, uruguaios com negros, nem soube de nenhum” (Entrevistada Ana). “Não tenho parentes uruguaios, mas amigos. Não existe racismo. Para eles é normal. Não tem diferença. Não é a cor da pele que identifica a pessoa” (Entrevistada Fabiana). “Não sei, comigo não. Às vezes eles até falam, como é... que a gente é uma *morocha* linda, né, eles sempre falam, comigo no caso”. “Meu pai no caso ele é uruguaio, ele é *doble chapa*<sup>4</sup>. Tenho amigos também porque a minha família é um pouco lá e um pouco aqui, no caso minha mãe aqui e meu pai lá, ai então eu tenho os amigos das minhas primas, eu conheço varias pessoas” (Entrevistada Debora). “Não, são bem calmos. Em minha opinião. Comigo até agora nada”. “Não tenho nenhum parente uruguaio, nem amigos. Não, tenho nenhum contato” (Entrevistada Janaina).

Cinco não sabiam dizer se existia ou não.

“... nunca ouvi falar, mas é capaz que tenha né é capaz que tenha sim é capaz que sim”. “Meu sogro é

uruguaio, mas não é nem parente, mas é uruguaio, a única pessoa que eu conheço. Amigos uruguaios eu tenho bastante porque como eu trabalho lá na linha<sup>5</sup> ai eu sempre acabo fazendo algum amigo uruguaio, uma coisa assim” (Entrevistada Catarina). “Ah eu acho que não. Eu não vou muito pra aquele lado, mas nunca ouvi falar”. “Meus parentes são todos brasileiros” (Entrevistada Beatriz) “É que eu nunca parei pra pensar. E eu não saio muito. Eu praticamente não vou pra lá. Só vou com a minha avó”. “Meu avô era uruguaio. Mas só ele. Ele faleceu. Agora não vou mais. Minha avó não gosta muito deles” (Entrevistada Heloisa). “Realmente lá eles não têm muito negro. É pouco. É pouca gente negra. Eu não sei, mas eu acho que a convivência é a mesma. Não tenho amigos lá” (Entrevistada Laura). “Tenho familiares. Vários. A família do meu pai é bem dizer toda, a maioria uruguaia”. “E uma parte deles deve ser (racista). História, não sei nenhuma” (de racismo) (Entrevistada Elaine)

E duas jovens disseram que dependia da situação.

“Acho que alguns né. Mas comigo nunca houve isso, mas... até pelo jeito da pessoa te olhar né. Tu já vê. Tenho amigos uruguaios. Meus parentes são uruguaios. Da parte do meu pai são uruguaios. Com a minha família assim não sei de racismo, mas com as outras pessoas, mais ou menos” (Entrevistada Gloria). “Eu acho que depende. Depende de cada pessoa. E como elas enxergam. Sim depende da pessoa. Eu acho que do caráter também”. “Uruguaio não, não tenho parentes. Amigos eu tenho. E tenho boa relação. Normal como se fossem brasileiros. Não tem essa diferença sabe” (Entrevistada Iolanda).

Essas entrevistas demonstraram que, segundo as jovens, a questão étnica não aparece fortemente nessa fronteira quando se trata de racismo e a questão de muitas serem de famílias multirraciais teve um peso maior quando se fala sobre racismo do que o fato de algumas serem de famílias binacionais. Outro fato interessante é com relação ao contato que muitas disseram não

4 Doble chapa é um termo usado para denominar aquelas pessoas que tem dupla nacionalidade

5 Quando a entrevistada menciona que trabalha “na linha”, ela quer dizer que trabalha no que seria a linha de fronteira entre os países caso esta linha existisse.

ter com pessoas do país vizinho. Sendo assim, essa não relação com o outro lado da fronteira, ou melhor, com uruguaios faz diferença na percepção do racismo. Tiveram dificuldade em responder as questões sobre a relação entre racismo e uruguaios, pois como elas mesmas mencionaram, elas não têm muito contato com o país vizinho e seus moradores. Mesmo sendo uma fronteira seca, em que o fluxo entre pessoas dos dois países é constante, elas disseram não ter contato e não visitar o país vizinho. Ou quando o fazem é em situações particulares, como visitas a parentes ou grupo de amigos.

## 2.2 Construção das identidades em Santana do Livramento sob a perspectiva das jovens negras

Outra questão das mais importantes foi com relação às construções de identidades das jovens entrevistadas. Foram feitas perguntas em que se pedia uma tentativa de reflexão sobre elementos que participam ou influenciam essas construções.

O racismo dentro da própria família é relatado por algumas das jovens, aparecendo como uma das influências de suas autoafirmações enquanto mulheres negras. As variáveis que foram encontradas nos relatos em relação às famílias também tem a ver com identidades étnicas distintas, já que cinco das onze jovens entrevistadas são de famílias binacionais, agregando, com isso, mais uma variável a ser analisada na intersecção das categorias mostradas. Segundo algumas entrevistadas, o fato de ter vivido situações de racismo dentro da própria família fez com que comessem a refletir sobre o problema e a buscar soluções de um enfrentamento. Segundo elas, por presenciar situações constrangedoras de uma parte da família agredindo outra simplesmente por diferenças, nos casos relatados, de cor, fez com que elas tomassem algum posicionamento frente ao vivido, não diretamente com elas, mas com membros de suas famílias. Isso influenciou na construção de suas identidades enquanto negras, pois se sentiram obrigadas a se posicionar contra ou a favor do que estavam vendo.

Na minha família já a minha mãe. A minha avó paterna era branca. Então no começo ela me contava que tinha essa questão de ser preconceituosa e tal.

Por ela estar com meu pai e meu pai ser branco. Ah eu acho que independente se... Querendo ou não ainda existe preconceito racial, mas eu acho que a pessoa tem que se aceitar. Independente se ela é branca ou negra. Tem que ter igualdade para todos. (Entrevistada Iolanda)

Isso se deve ao fato de metade das entrevistadas serem oriundas de famílias multirraciais, como citado anteriormente. Uma das entrevistadas consegue relatar a situação sob ângulos diferentes. Ela relata o sofrimento da mãe, em ser negra e casada com um homem branco, cuja sogra não a aceita pelo simples fato de ser negra. E relata também a fala da avó que diz abertamente que era isso mesmo, que não gostava de ver o filho com uma negra. As diferenças podem ser entendidas como trajetórias históricas das circunstâncias materiais e práticas culturais. Estas produzem condições para a construção das identidades de grupo (BRAH, 2006, p. 363). Outra entrevistada diz que ao ver o pai branco destratar seus familiares negros da família de sua mãe fez com que tomasse a mesma atitude da entrevistada anterior, ou seja, também o mesmo tipo de influência na reflexão e posicionamento da jovem em relação à construção de sua identidade negra.

Meu tio né, sofreu muito preconceito, porque meu pai é muito preconceituoso com negro, até eu namorava um menino negro e ele não aceitava, porque com meu tio ele tinha um preconceito enorme sabe, eu nunca quis mostrar meu namorado pra ele porque eu tinha medo que ele ofendesse meu namorado na minha frente e o meu namorado era negro, negro mesmo, mas eu nunca tive problema com racismo até porque minha mãe é negra e eu nunca tive preconceito em aceitar isso, ah eu acho que as pessoas devem se conscientizar mais sabe, falar ... tentar conhecer as pessoas antes de julgar porque ela não sabe nada do que está passando ali com a pessoa. (Entrevistada Catarina)

Ou seja, um campo de conflito se percebe na fala de quase todas as jovens no momento em que relatam fatos ligados a questões de racismo dentro das próprias famílias. Outros fatos relatados dizem respeito também aos vizinhos e questões relacionadas a emprego e discriminação.

O meu irmão. Porque meu pai é branco daí minha vizinha disse ah esse teu guri. Porque meu irmão é moreno, um pouco mais moreno que eu. Daí ela disse para minha mãe ah esse guri não é filho do teu marido porque ele é tão moreno e teu marido é branco. Querendo dizer que meu irmão não era filho do meu pai por causa da cor dele, porque ele era mais pretinho (Entrevistada Beatriz).

A entrevistada ainda disse que por sorte não sofria pois era mais clara que o irmão, mas que ele sentia essa não aceitação por parte de vizinhos e amigos. Com isso, percebe-se que mesmo sendo da mesma família e círculo social, são tratados de forma distinta. No depoimento dessa entrevistada, ela explica que o pai é branco de família de loiros e que a mãe é negra e que o irmão sofre e já sofreu racismo, mas ela não. Esses dados trazem vários aspectos a serem refletidos, como a relação racial, de cor, de poder, entre outros.

Um fato sobre essa entrevistada é que, enquanto as outras entrevistadas prontamente respondiam quando lhes foi perguntado sobre raça/cor/etnia que se autotranscreveriam, esta entrevistada teve dificuldade em se autodeclarar, em dizer a entrevistadora se fosse necessário se encaixar numa categoria qual seria a que ela se sentiria melhor. Ela começou relatando as histórias se posicionando nelas como branca, depois quando perguntado se disse morena e quando pedido para que usasse uma das categorias utilizadas pela maioria das pesquisas levou um tempo e se autodeclarou parda.

Hofbauer (2007) ainda ressalta aqueles que preferem, quando possível, não se declarar. Isto foi percebido analisando os dados obtidos nas escolas pesquisadas, onde 22% dos alunos da escola do bairro Carolina não se declararam no momento da matrícula e 20% dos alunos da escola do centro. As matrículas normalmente são feitas por seus responsáveis, ou seja, cabe a eles naquele momento da matrícula da escola declarar o aluno como branco, pardo, preto, amarelo, indígena ou não declarar pertencer a nenhuma dessas categorias pré-estabelecidas. Esses dados acabam por exemplificar a ideologia do branqueamento trazida por Hofbauer (2007) que diz que principalmente aqueles de classes menos favorecidas buscam uma aproximação

com o “mais branco possível” ou não se declaram, evitando assim uma identificação com a categoria do preto ou pardo.

Essas construções socioculturais muitas vezes são tão fortes que, como em alguns casos relatados, fizeram com que as entrevistadas dissessem que em certo momento tiveram vontade de se adaptar ao desejado pela sociedade. Alguns aspectos chamaram a atenção na fala dos sujeitos da pesquisa. Todos, em momentos diferentes e respondendo questões diversas, trouxeram o tema do cabelo. Por exemplo, o fato de alisar o cabelo para que parassem as brincadeiras de mau gosto e os olhares preconceituosos.

O meu cabelo porque assim ele parece meio liso, mas eu até pensei em deixar ele liso, mas mudei de ideia, mas ele é bem cacheado, ele é bem cacheadinho ai o cabelo que é bem volumoso assim ai já sofro preconceito ai cabeluda, cabeluda, mas é mais o cabelo eu acho. (Entrevistada Catarina)

Estas atitudes atingem prioritariamente os que estão fora do padrão exigido pela sociedade, fazendo com que estes que estão “fora” acabem por não acreditar numa possibilidade de mudança e ascensão social. Uma perspectiva interseccional de análise busca perceber todos esses fenômenos interligados e tenta perceber os atos de dominação e de uso do poder por membros da sociedade que fazem com que essas adolescentes tendam a buscar uma mudança até mesmo física para se enquadrar no desejado socialmente. Certas práticas diminuem as oportunidades de competição, fazendo com que diminua a autoestima dos que saem do padrão esperado.

(...) o cabelo não deixa de ser uma forte marca identitária e, em algumas situações, continua sendo visto como marca de inferioridade. O cabelo do negro, visto como “ruim”, é expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre esse sujeito. Ver o cabelo do negro, como “ruim”, e do branco, como “bom”, expressa um conflito (GOMES, 2012, p.3).

Isso pode ser reforçado pelos depoimentos que mostram como os outros tratam e vêem a questão do cabelo e como elas mesmas lidam com

isso. Como mostra o depoimento a seguir: “(...) os colegas que falam: ai ela tem o cabelo grande. É porque a maioria dos meus colegas tem cabelo liso, é liso lisinho e ai...” (Entrevistada Catarina). Essa entrevistada mostra como os outros tratam e vêem a questão do cabelo, mas ela mesma lida muito bem com isso e sempre lidou, percebendo que isso era uma marca e que os colegas, quando a queriam menosprezar, por algum motivo, falavam do seu cabelo. Isso já não acontece com a entrevistada seguinte, pois ela, sim, sempre teve problema em aceitar seu cabelo e em entender e lidar com situações desagradáveis.”Meu cabelo... é um pouco o meu cabelo. A cor da pele também. É quando eu era menor e não entendia muito bem. Não entendia o sentido porque estavam fazendo isso se todo mundo era igual. Aquela coisa” (Entrevista Fabiana).

As questões do cabelo aparecem em várias categorias de formas distintas e passou a fazer parte da pesquisa pela recorrência nas falas das jovens. O cabelo aparece ora vinculado com símbolos de inferioridade e racismo, ora vinculado com uma visão positiva, ou seja, de uma maior autoestima e aceitação, bem como de reflexão e conscientização das entrevistadas. Elas colocam que esses acontecimentos desagradáveis fizeram com que aumentasse a aceitação do cabelo e a entender e lidar melhor com certas situações. A visão do seu próprio cabelo e sua relação com ele mostra-se relevante para as entrevistadas no momento em que muitas vezes é por causa dele que elas começam a debater assuntos principalmente com suas mães e começam a se autoafirmar enquanto mulheres negras, vinculando uma maior autoestima à aceitação do cabelo.

Vários fatos mostraram-se fundamentais e marcaram a vida delas fazendo diferença nas tomadas de decisões e na trajetória de vida. A família aparece em grande parte dos discursos quando perguntadas pela influência em suas construções de identidades enquanto mulheres negras. A maioria delas trouxe relatos de fatos acontecidos no seio familiar em que trouxeram como consequência uma reflexão e tomada de atitude.

Mais diferença eu acho que foi o apoio da minha mãe. Dos meus pais. Da minha avó também. Eu

acho que sim porque minha mãe sempre me falou para eu nunca baixar a cabeça, que eu era negra, e que eu, como posso te explicar... Tinha que me aceitar. Sempre assim. No começo quando eu entrei para o colégio eu era a única negra que tinha na escola. Ai ela dizia para mim, tu és a única negra, mas tu tens que te aceitar. Tu não podes deixar e baixar a cabeça para os outros. É foi o apoio da mãe sempre (Entrevistada Laura).

Mesmo a família de cinco das onze entrevistadas serem binacionais, isto não aparece em nenhum dos discursos das jovens entrevistadas, nem como sendo positivo, nem negativo. Este dado não faz parte de nenhuma vivência relatada por elas, ao contrario do fato de seis delas serem de famílias multirraciais que fez com que muitas posições fossem tomadas por causa de problemas e conflitos nas famílias.

A minha família. Eu acho que mais a minha família. Bastante e sempre conversamos sobre isso. Desde pequena e eu acho que é por isso que eu não tenho esse problema. Porque tem pessoas que eu vejo assim. Tem dificuldade em assumir a própria cor. Eu não tenho. Exatamente. É isso. Orgulho por mim e por ela. (cor e ela se refere à mãe) (Entrevistada Janaina)

Outro ponto importante é o fato da professora responsável pela implementação de atividades na escola do centro do município também ser negra. Isto parece ser, segundo a própria professora, possivelmente um motivo para que as jovens se posicionem e se espelhem nela. Ela fez questão de relatar esse fato se dizendo muito parecida com as entrevistadas e se percebendo ou se vendo muito nelas. Ela acredita que as alunas também se espelham um pouco na sua trajetória. A professora ressaltou a importância de infelizmente ter que passar por situações durante a vida e que ainda hoje releva certos fatos para poder viver e conviver em harmonia com colegas e sociedade em geral.

E com colegas sabe como é. A gente vê e finge que não vê. Entendeu? É como a gente fala. Tu tens que te dar o valor. E tu tens que mostrar quem tu és. Porque daí as pessoas sabem com quem elas falam e com quem não falam, não é? Então, com relação a esse

tipo de coisa, quando elas falam alguma coisinha, eu já falo em tom bem alto e claro. Isso dá cadeia. A lei 7.716 é para tal coisa. Entendeu? Brincando, como elas fazem também. E daí eu brinco da minha maneira. Então elas já sabem quanto a isso. (Entrevistada professora de Geografia)

Esta professora é a responsável por toda e qualquer atividade relacionada com cultura e história afrobrasileira na escola do centro do município. Ela diz que sempre procura envolver o máximo de alunos da escola em reflexões e debates sobre racismo e outros temas relacionados a isso. Este ponto é trazido por várias entrevistadas quando perguntadas sobre as influências em suas construções das identidades. “Eu acho que foi a dança do ano passado. Porque até antes eu nunca parei para pensar direito sabe. Mas o ano passado foi muito legal para a gente como já disse” (Entrevistada Heloísa).

Esta atividade de dança, segundo a professora, foi sugerida pelos alunos depois de debates sobre o tema e, para esta entrevistada teve um peso grande no momento em que fez com que ela refletisse sobre ela mesma e sobre situações vividas por ela. Outra entrevistada relata algo semelhante. “Foi na minha família e na escola também. Quando eu fazia os trabalhos eu via que eu não precisava ter vergonha da cor da pele, do meu cabelo. Os dois a escola e a família” (Entrevistada Fabiana). Esta relata trabalhos feitos na escola por essa professora em forma de seminários, em que ela teve que preparar material para apresentar para seus colegas e isso fez com que ela se debruçasse pela primeira vez em reflexões sobre o tema. Os trabalhos na escola aparecem o tempo todo de forma distinta, umas relatam as danças, outras os seminários, outras os debates, mas sempre ressaltando o papel da família.

Eu acho que os trabalhos na escola pesaram bastante, a minha família por ser, da parte da minha mãe, ser negros e pelo preconceito do meu pai, porque eu nunca admiti que ele falasse do negro na minha frente, meu padrinho é negro, minha mãe tem descendência negra, os meus tios são negros e daí eu nunca deixei que essa parte me afetasse (Entrevistada Catarina)

Outro elemento que surgiu no decorrer do trabalho de campo foi com respeito a religião. Esta aparece na pesquisa também como forma de fortalecimento das identidades e posicionamento enquanto jovens negras. As entrevistadas umbandistas disseram nunca ter sofrido nem racismo nem nenhum tipo de preconceito ou discriminação por alguma característica física delas, ou talvez, nunca tenham percebido tais atos. Pela maneira com que foram criadas, segundo elas, mostram uma certeza na forma de falar e de ver a vida e a sociedade, fazendo parte atuante da construção de uma sociedade mais igualitária.

No caso eu sou umbandista, vem mais dos negros, aí isso ajuda, mas a escola ajudou muito também com essa professora que.... (ela não consegue explicar, mas percebe-se a importância da professora e dos trabalhos feitos por ela na trajetória da aluna) e a minha religião também (Entrevistada Debora)

## Considerações

Em um panorama geral, os sujeitos da pesquisa fizeram um uso interessante das experiências de vida e refletiram sobre suas identidades. Existe uma relação muito grande entre o racismo sofrido e como elas se vêem e atuam a partir disso. Elas articularam as situações de racismo de forma a usarem essas experiências para buscar um fortalecimento de suas identidades e da necessidade de luta e de posicionamento para que, segundo a maioria delas, a situação mude.

Algumas delas em nenhum momento se mostraram numa posição de aceitação da sociedade vigente e de práticas naturalizadas. Pelo contrário, mostraram conhecer sua posição no mundo e embasadas com argumentos para discussões do tema e para um enfrentamento que em muitas vezes se via a mãe ou a religião como pilar dessa fortaleza, mesmo às vezes transparecendo em suas falas certa fraqueza e dor ao se tratar de temas vividos por elas.

Pode-se perceber a partir das falas das jovens que o racismo, a discriminação e o preconceito sofridos por elas ou por seus familiares e amigos mostraram-se particularmente e indiscutivelmente, nas situações relatadas, parte fundamental na construção das identidades das

jovens negras. Os fatos vivenciados fizeram com que elas se articulassem e se tornassem mais fortes no momento da necessidade de tomadas de decisões em suas vidas diárias e com relação ao futuro e perspectivas de futuro. Quando diz-se, aqui, que elas usaram o racismo de forma positiva, quer se dizer que transformaram as situações ruins a seu favor, fazendo delas motivos para aumentar sua autoestima e ampliar a visão de um mundo possível e alcançável. Esse posicionamento, segundo elas, foi construído a partir de reflexões de momentos vividos.

A diferença que apareceu com relação ao racismo foi, na verdade, ligado a forma que elas reagiam a ele. Simplesmente aceitando e tomando-o como conduta naturalizada na sociedade, ou reconhecendo a existência do racismo e buscando práticas para combater estas atitudes tidas como naturais. Um grupo de entrevistadas reconhece a existência do racismo, mas o vê como algo dado e naturalizado, ou seja, não sentem a necessidade de mudar nada. Já outro grupo de jovens, além de perceber a existência do racismo, estão se posicionando, se articulando para que mudanças aconteçam em todos os setores de suas vidas.

A partir dos discursos das entrevistadas pode-se compreender que algumas estão focadas em mudança de comportamentos e usam de expressões como a entrevistada Janaina que disse: “não deixei passar” determinada situação. Com isso mostra que a situação aconteceu e ela reagiu a isso. Várias questões, situações constrangedoras, tristes e de sofrimentos descritas no decorrer das entrevistas foram de extrema importância, segundo constatado por elas, na vontade de que uma mudança aconteça e na sua autoafirmação enquanto mulher negra. O posicionamento crítico e atuante veio de situações de racismo vividas por elas ou por familiares e elas mesmas percebem que essas situações ajudaram a construir suas identidades.

O conflito aparece como parte da construção das identidades e muitas perceberam as nuances e aqueles atos politicamente corretos, mas que na verdade escondem pensamentos e condutas racistas. A reprodução de um esquema já montado é recorrente nos discursos, bem como as diferenças como padronizadas. As diferenças, que são construções sociais, são levantadas em

vários relatos principalmente com padrões de beleza, onde elas salientam o fato de estar fora do padrão. Os padrões são fortes e, sendo assim, elas sofrem devido a necessidade de tomadas de decisões como aceitar o cabelo natural, tido como fora do padrão ou alisá-lo, e tentar estar dentro do padrão desejado pela sociedade, por exemplo. Esses padrões podem, muitas vezes, impossibilitar as jovens de uma tentativa de mudança e ascensão social.

O preconceito com sua cor e cabelo faz com que algumas tentem se “embranquecer” enquanto que outras aparecem utilizando o cabelo como forma de luta e de batalha para novos tipos de padrões de forma geral. Esses conflitos mostram a importância do cabelo do negro, carregado de significados, e que expressa o conflito racial no país. As adolescentes, mesmo aquelas que se mostram dispostas a reação, tem receios e medos com relação ao que está por vir. Elas se mostram decididas a seguir lutando, mas comentam o receio de não serem aceitas, de serem agredidas, etc.

Outro ponto que foi relevante na construção das identidades de algumas entrevistadas foi com relação ao racismo dentro das próprias famílias. Algumas delas vêm de famílias interracialis e, com isso, pode-se entender o que elas descrevem, pois vivem situações dentro de suas próprias casas. Os relatos mostram trajetórias do poder do branco historicamente marcado no Brasil. As práticas culturalmente aceitas são relatadas pelas adolescentes e, segundo elas, o que acontecia em suas famílias fez com que elas refletissem sobre o porquê de determinadas atitudes. Essas famílias, além de serem interracialis, são, em cinco casos analisados, também famílias binacionais. Ou seja, são famílias que vivem experiências raciais e étnicas e que possuem uma diversidade de situações vividas por pertencerem a uma região de fronteira seca.

A autoafirmação aconteceu para elas, pois houve uma necessidade de se posicionar, ou abafando o que viam, ou lutando para acabar com atitudes racistas dentro de seus lares. Este posicionamento acabou por forçar um tomada de atitude no momento em que elas dizem não mais aceitar abafar situações, inibir reações ou induzir a si mesma e aos outros uma aproximação, às vezes forçada, de um padrão hegemônico. Não querem

mais se apresentar “o mais branca possível”. Algumas declaram que o cabelo é um símbolo de mudança, pois o mesmo sempre foi visto como uma forte marca de inferioridade. Hoje, elas usam seus cabelos como símbolo de uma nova visão positiva e de conscientização e de reflexão sobre “o ser negra”. Muitas destas reflexões foram trabalhadas na escola. Descrevem a participação da escola e de suas mães ao se falar em cabelo e autoestima. Mas outras ainda, mesmo sentindo um incômodo, não pensam em mudanças.

Em suma, vários elementos mostraram-se fortemente presentes na construção das identidades das jovens entrevistadas. Elementos como a relação com a mãe, o local de origem ou bairro, a importância do cabelo, o vínculo com a escola, e atividades que acontecem na instituição, no processo identitário, foram tomando uma dimensão não esperada. Todos esses elementos foram analisados de uma forma interseccional, buscando compreender através da relação entre raça, etnia, classe, gênero, fronteira, etc. No contexto analisado a questão da classe deve ser enfatizada, pois houve um diferencial no momento em que as jovens do bairro afastado ocupam-se entre estudo e trabalho, podendo reduzir o tempo de estudo e com isso reduzir suas chances de entrar na universidade, como mencionado por uma entrevistada.

O processo de afirmação, negação, renegação são processos que constituem a construção das identidades. O ser negro no Rio Grande do Sul dialoga todo o tempo com o racismo. Elas reconhecem o racismo e mostram a importância da escola nesse diálogo, mesmo, em muitos casos, parecendo que reconhecem, mas não é combatido. O racismo tem efeito sobre essas jovens e muitas reações diversas podem vir desse confronto. O que parece que, em alguns casos, pela autoestima e confiança adquirida pelo apoio e participação dos elementos já citados, elas estão conseguindo, mesmo dentro do contexto de uma cidade de interior, que transformações aconteçam.

Este artigo tentou mostrar alguns resultados da dissertação sobre racismo e as construções das identidades das adolescentes na fronteira oeste do Rio Grande do Sul, trazendo algumas das perspectivas das jovens sobre situações vividas e como elas articulam suas identidades nas

diversas áreas de suas vidas. Um fato interessante de se ressaltar é que nenhuma delas, em nenhum momento, sentiu por parte do país vizinho um posicionamento de superioridade e nem sabem casos de racismo vinculados aos uruguaios. Metade das entrevistadas são de famílias binacionais, ou seja, um dos pais é brasileiro e o outro uruguaio. Mesmo com esse vínculo com o Uruguai não sentem o racismo com relação a nacionalidade dos “racistas” mas sentem com relação aos brancos, não importando se são brasileiros ou uruguaios. Isso ajuda a mostrar que as adolescentes negras deste município talvez sofram o racismo como muitas outras cidades longe da fronteira, mostrando que o fato de viverem na fronteira não aumenta o racismo sofrido por elas e elas declaram que o racismo existe sim em Santana do Livramento, trazendo o dado de que elas sofrem o racismo vindo de pessoas de mesma nacionalidade, os brasileiros. Sendo assim, pode-se inferir que, para as jovens entrevistadas a questão de ser negra pesa mais que ser brasileira ou uruguaia.

#### Referências:

- ALBUQUERQUE, J. **Identidade e cidadania na fronteira entre o Paraguai e o Brasil**. In: Congresso Brasileiro de Sociologia, XIII, 2007, Recife. Anais do Congresso. Disponível em: [http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com\\_docman&task=cat\\_view&gid=134&Itemid=171](http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=134&Itemid=171). Acesso em: 15 ago.2018.
- BRAH, A. Diferença, Diversidade, Diferenciação. In: **Cadernos Pagu**. Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, n. 26. p. 329-376, 2006.
- COSTA, S. **Dois Atlânticos**. Teoria social, anti-racismo e cosmopolitismo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- FERREIRA, R. **Afro-descendente: identidade em construção**. Rio de Janeiro: Pallas, 2000.
- GOMES, N. **Movimento negro e educação: resignificando e politizando raça**. Campinas: Educ. Soc, v. 33, n. 120, p. 727-744, jul.-set. 2012.

GOMES, N.; MUNANGA, K. **O negro no Brasil de hoje**. São Paulo: Global, 2006.

GUIMARÃES, A. **Racismo e anti-racismo no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 2009

GUIMARÃES, A. **Raça, cor, cor de pele e etnia**. In: Cadernos de campo. São Paulo: USP, v. 20, 2011

HALL, S. **A identidade cultural na pós modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HOFBAUER, A. **Uma história do branqueamento ou o negro em questão**. São Paulo: UNESP, 2007.